

# As lições da luta dos agricultores indianos – que nos mostrou o caminho

Via [Europe Solidaire Sans Frontières](#)

A luta dos agricultores e seu avanço parcial nos mostrou o caminho. Movimentos fortes vindos de baixo podem ter o potencial de enfrentar o golpe Hinduvta muito mais do que costurar alianças eleitorais. Qual será o destino deste movimento seis meses depois? Não sabemos, mas vale a pena lembrar o antigo provérbio chinês “uma viagem de mil milhas deve começar com um único passo”, escreve Sushovan Dhar.

Nenhum outro Dia da República testemunhou níveis tão sem precedentes de reivindicações públicas sobre sua nação. As ruas de Delhi foram animadas com marchas espontâneas de centenas de milhares de camponeses que queriam ter uma voz levada a sério na Res Publica ou em assuntos públicos. Dentro de um buquê de desculpas esfarrapadas destinadas a deter a marcha dos camponeses, uma delas tinha sido particularmente irônica. Que esta manifestação era uma “conspiração” para difamar a Índia perante o mundo, fazendo um desfile de traidores na capital no Dia da República. Os camponeses em luta provaram que mantiveram alto o estandarte da “maior democracia do mundo”, quando o atual regime está muito inclinado a pisotear e acabar com os valores democráticos que restam no país.

Antes, numa interessante reviravolta na história, o governo da União, em 20 de janeiro, propôs suspender as três leis agrícolas litigiosas por um ano e meio e criar um comitê conjunto para discutir a legislação na décima rodada de conversações com os sindicatos camponeses. No entanto, Samjukta Kisan Morcha rejeitou a oferta no dia seguinte. Ela

esclareceu resolutamente a continuação do movimento até que as três leis antiagrícola fossem completamente revogadas. A AIKSCC também estava determinada a realizar seu desfile de tratores programado no dia da República.

Há alguns dias, a Suprema Corte havia expressado a intenção de suspender a implementação das controversas leis agrícolas, enquanto se propunha formar um comitê independente presidido por um ex-Chefe de Justiça para “resolver amigavelmente” o impasse entre os agricultores e o governo. É claro que havia sérias questões sobre a “independência” do comitê, no entanto, os primeiros sinais de desistência eram óbvios.

### **O governo forçado a recuar**

Dada sua atitude beligerante e antagônica do atual governo – mais ainda após ter sido eleito pela segunda vez em 2019 – o anúncio do Ministro da Agricultura da União, Narendra Singh Tomar, pode ter parecido um pouco incomum, mas não totalmente surpreendente. O governo esperava que este anúncio obrigasse os sindicatos, determinados a realizar o comício de tratores no Dia da República, a repensar sua agitação de meses e a desocupar o bloqueio da capital nacional, mansamente. Várias medidas, incluindo ameaça e intimidação, para dissuadir os agricultores foram experimentadas e testadas mais cedo, mas tudo isso foi em vão. Em uma tentativa de desacreditar a agitação, um setor do governo lançou acusações de infiltração por elementos separatistas Sikh. Este jogo sujo resultou em uma reação e os ministros do governo encarregados das negociações com os sindicatos de agricultores não tiveram outra opção a não ser descartar as acusações, lavando as mãos.

A contínua agitação dos sindicatos, a natureza iminente dos protestos do Dia da República e a recusa da mais alta corte em proibi-la foram apenas as razões imediatas para a fórmula de compromisso. Um esforço desesperado e uma última vala para conter esta agitação crescente que pode potencialmente se espalhar para outras partes do país, de forma mais vigorosa. A

organização-mãe da brigada fascista, ou seja, a RSS também estava preocupada com a continuação indefinida deste protesto bem organizado. Suresh “Bhaiyaji” Joshi, o número dois do Sangh Pariwar, expressou suas apreensões sobre a estabilidade do governo diante de tal desafio resoluto, em entrevista ao Indian Express.

Isto pode ser chamado de um avanço parcial? Claro. Há motivos para comemorar? Claro que sim. Embora seja importante abster-se de ser esmagado ou de ser levado, há razões suficientes para se sentir confiante sobre esta ação coletiva que colocou o governo em um pé atrás. Certamente, o crédito vai para milhões de camponeses deste país que lutaram incansavelmente de costas para o muro. Os camponeses estão claramente lutando por um controle sobre seu próprio destino (vidas e meios de subsistência) contra o controle corporativo da agricultura introduzido por este governo. Nem a profunda crise agrícola que o país atravessa desde as últimas três décadas, que levou mais de 3 centenas de milhares de agricultores a cometer suicídios devido ao grave endividamento, nem o sofrimento rural crônico que obriga milhares a deixar suas aldeias para migrar para os centros urbanos em busca de um futuro incerto, podem ser desfeitos tão facilmente. Certamente precisamos de uma batalha política maior para superar isso, mas a luta atual é um caminho sério em direção a essa direção. Ela incutiu esperanças na mente de milhões de pessoas que querem lutar contra este regime fascista e recuperar a alma democrática da nação.

As recentes leis agrícolas mais os novos Códigos Trabalhistas são tentativas de levar adiante um grau sem precedentes de reformas que dão à grande burguesia uma mão livre para administrar a economia. Sem dúvida, eles a apóiam muito fortemente. Enquanto os códigos de trabalho são uma tentativa de flexibilizar o emprego, dando aos proprietários o direito de “contratar e demitir” empregados e acabar com as mínimas garantias legais para os trabalhadores, os primeiros podem ser

vistos como uma resposta da direita à crise agrária. Eles são habilmente apoiados pela mídia e por um grupo de economistas de estimação – tão impressionados com os novos atos agrários – tentando criar uma opinião pública popular sobre as leis. Muitos foram ao ponto de anunciar essas leis como algo que irá revolucionar o setor agrícola indiano. Felizmente, os agricultores estão alheios a tais conselhos esclarecidos.

A força e o prestígio desta agitação provém da coragem e do engenho tático de um movimento que tem uma base econômica real. É um endosso ao fato de que a agenda neoliberal, internalizada por todos os partidos políticos na Índia, incluindo setores da esquerda dominante, continua a ser resistida a partir de baixo. A resistência demonstrada pelos camponeses, principalmente do Punjab e Haryana, e suas organizações são exemplares e francamente, muito mais radicais do que as políticas dos partidos de esquerda existentes.

### **A crise da esquerda**

A crise da esquerda explica parcialmente a relativa falta de inércia por parte dos sindicatos e o movimento geral de trabalhadores para sair em pleno apoio aos atuais protestos. Tem havido tentativas minúsculas dos trabalhadores de se unirem em uníssono com os agitadores agricultores e teme-se que eles estejam desperdiçando uma chance de ouro para lançar ofensivas semelhantes, no próprio interesse deles, justamente quando o ferro está quente.

Infelizmente, os principais sindicatos do país são controlados por um ou outro partido político. Na ausência de uma organização genuinamente independente, estes sindicatos, em vez de atuarem como expressões autênticas da classe trabalhadora, funcionam como correias de transmissão de suas “organizações-mãe”. Talvez, este partido-sindicalismo explique a fraca resposta da classe trabalhadora ao movimento dos agricultores atuais. A situação pode ser revertida? Difícil, mas não impossível! Vale a pena tentar? Sim, não temos outra

escolha! Sem a auto-organização da classe, ela já concedeu muito, como é evidente no cenário atual e historicamente também.

Este movimento é muito importante para a esquerda. Enquanto qualquer tentativa de ver isto como uma revolta camponesa para capturar o poder do estado seria insensato, também não é “um movimento de apenas camponeses ricos” como por certas seções da esquerda ou mais precisamente, alguns adeptos de uma Revolução Socialista de caráter cênico. Os agricultores estão lutando por sua sobrevivência imediata e a longo prazo. Seria criminoso para a esquerda ou estar mergulhada em profundo sectarismo ou desperdiçar esta oportunidade de formar uma oposição temível ao Hindutva saindo de seus casulos ideológicos desgastados pelo tempo. Devemos aproveitar o momento e fazer todos os esforços para transformar estes protestos em lutas mais amplas dos povos contra o regime fascista e dar-lhe um caráter anti-capitalista. O momento atual pode ser aprofundado incluindo as demandas de vários setores da população trabalhadora. As demandas por geração de empregos, segurança alimentar e soberania alimentar, entre outros, serviriam para reforçar o apelo e a força deste movimento entre as massas em diferentes regiões. A busca dessas demandas não só ajudaria o movimento a ganhar apoio entre os trabalhadores, mas também empurraria os representantes das seções do rico campesinato para as margens. Há uma necessidade urgente de construir solidariedade com as lutas da classe trabalhadora que vão para outros lugares.

### **Pós-escrito**

A luta atual também nos ajuda a lançar luz sobre outra questão importante. As forças fascistas podem ser derrotadas pela formação de coalizões eleitorais ou são melhor tratadas por poderosas mobilizações de massa vindas de baixo? Embora não descartando totalmente os possíveis escopos eleitorais, precisamos prestar atenção à evolução das eleições indianas e à trajetória da ala direita. A Sangh Parivar e as outras

forças Hindutva têm mantido uma direção ultra-direita consistente desde os anos 50 sem impedimentos, seja por derrotas eleitorais ou qualquer aliança com forças “seculares”. Lembra-se vividamente do otimismo de uma seção dos liberais quando a extrema-direita entrou no partido Janata para formar o governo em 1977. Com Vajpayee como Ministro das Relações Exteriores no gabinete do Morarji Desai, muitos viram o projeto Hindutva contido, domado e civilizado. A história tem tratado tal otimismo com desprezo. Nenhuma desgraça eleitoral é suficiente para desarraigar esta agenda e qualquer batalha genuína contra o projeto Hindutva deve reconhecer isto. Um projeto político de longo prazo para lidar com ele deve ser baseado na luta de classes e nossa busca por um mal menor, ou seja, aliados burgueses relativamente “inofensivos”, atuarão como sérios bloqueios às oportunidades vibrantes de agitação de classe e movimentos de massa.

A luta dos camponeses e seu avanço parcial nos mostrou o caminho. Movimentos fortes vindos de baixo podem ter o potencial de enfrentar o golpe Hindutva muito mais do que costurar alianças eleitorais. Qual será o destino deste movimento seis meses depois? Não sabemos, mas vale a pena lembrar o antigo provérbio chinês “uma viagem de mil milhas deve começar com um único passo”.